

A ANTROPOLOGIA DE UM LUGAR “DISTANTE”: A FORMA DE VIDA E AS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS (E INTERESPÉCIES) NA COXILHA RICA EM SANTA CATARINA¹

Eduardo Hector Ferraro. Universidade do Vale do Itajaí, SC. Brasil. (duferraro51@gmail.com)

Resumo

As grandes extensões dos campos da Coxilha Rica, no Estado de Santa Catarina, Brasil, são locais onde a vida flui entre humanos e não humanos, animais domésticos e selvagens, configurando relações intersubjetivas e interespécies, delineando comportamentos, fomentando formas de pensamento e uma sociabilidade própria do lugar. Embora esses locais estejam próximos de alguns centros urbanos do Estado de Santa Catarina, seus acessos os tornam de alguma maneira “distantes”, pelas extensões territoriais, pelas estradas sinuosas, maiormente de terra batida. É característica a divisão de terras em fazendas, ou propriedades rurais, como também a existência de alguns vilarejos com moradias, algo menos frequente na região. Estas divisões territoriais organizam a vida e a sociabilidade entre pessoas e espécies animais, determinando alguns espaços para esses encontros entre humanos e outras formas de vida. A questão das distâncias (longe/perto) e da vastidão torna-se essencial para entender relações de amizade, cooperação, ou tensões entre espécies. Neste artigo proponho fazer uma antropologia da Coxilha Rica, ou seja, fazer uma sociologia comparativa desse lugar usando alguns conceitos e teorias que sirvam para evidenciar as relações existentes entre seres nessas latitudes. Veremos como os conceitos de distância, vastidão e divisão territorial se relacionam com outros de sentido geográfico e antropológico, como o de território, lugar, paisagem, e ambiente, incidindo diretamente na forma de vida desse lugar. Finalmente, verificamos como estes conceitos regulam as relações intersubjetivas e interespécie da Coxilha Rica.

PALAVRAS CHAVE: Distante – Cooperação – Domesticção

UMA BREVE INTRODUÇÃO

Tenho passado nestes últimos anos de pesquisa muitos momentos na Coxilha Rica e locais próximos, tanto que depois de escrever minha tese, feita em parte nessa região, pensei em dedicar um artigo específico para o lugar. O que me leva a esta tarefa é justamente tentar mostrar uma série de particularidades observadas nesses momentos vividos na Coxilha, junto com algumas pessoas que conheci nestes anos passados. Minha preocupação, neste caso, não é criar um relato etnográfico especificamente, e sim fazer uma antropologia da Coxilha. Como propõe Ingold (2008), seria fazer uma

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

sociologia comparativa deste lugar usando alguns conceitos e teorias que sirvam para evidenciar as relações existentes entre seres nessas latitudes. Seguindo algumas ideias deste autor seria, em parte, utilizar a história do local como processo de transformação para entender e explicar como funciona a vida social nesses lugares. Além disso, como explica Bateson (p.429, 1973), isto não se refere a corpos isolados da “vida lá fora”, senão que se trata de forma imanente de um sistema de relações entre organismos e ambientes no qual os seres humanos e outras formas de vida estão entremeados (apud INGOLD, p.79, 2008). Portanto, procuro mostrar aqui um estudo da vida nesses locais, não exatamente da gente, em si, mas feito *com* a gente que ali vive, como um diálogo, como uma experiência conjunta.

A explanação de conceitos dos habitantes, junto de conceitos antropológicos, o uso da história e as explicações da geografia local ajudarão a entender esta empreitada antropológica sobre a Coxilha e os locais próximos dela.

A SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E TERRITORIAL DO CONTEXTO LOCAL

A Coxilha Rica é uma região localizada no interior do Estado de Santa Catarina, na parte sul, próxima com a divisa do Estado de Rio Grande do Sul. Ela está dentro dos municípios de Lages (com 43%, o maior porcentagem territorial), Painele, São Joaquim e Capão Alto. Todos estes locais se situam em média a uns 200 quilômetros da capital do Estado, Florianópolis. O termo coxilha nos remete a uma área geográfica de campo com elevações pronunciadas e cobertas com pastagens. Este tipo de topografia é encontrado especificamente no município de Lages, em alguns locais do Estado de Rio Grande do Sul, e também no pampa uruguaio. A particularidade geográfica destes locais seria a dos terrenos em elevação, ou seja, planaltos e campos de altitude, muitos deles a mais de 1000 metros do nível do mar. Neste artigo dedicarei especial atenção para a região localizada em Lages, Painele e Capão Alto, já que foi nesses locais que desenvolvi várias pesquisas de campo com as pessoas que vivem nesses locais.

Para situarmos melhor essa região, podemos observar na figura seguinte a localização no sentido continental, logo depois, regional, e afinal, de maneira ampliada, como a Coxilha Rica se enquadra não somente no município de Lages, senão também com Capão Alto, São Joaquim, e com Painele, municípios vizinhos na região (Figura 1).

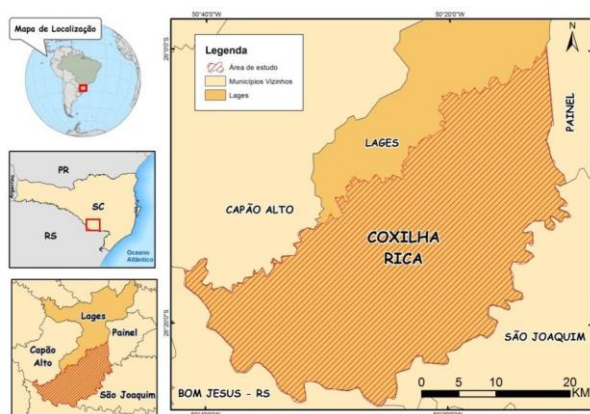


Figura 1: Coxilha rica e municípios vizinhos (fonte: dissertação Cósme Polêse, UDESC, 2014).

A extensão da Coxilha é de aproximadamente 1.136 quilômetros quadrados dividida em diversas subáreas, ou locais com nomes dados historicamente pelos habitantes do lugar. Esses nomes se associam muitas vezes a eventos históricos, lendas e narrativas dos moradores, difíceis de desvendar a sua origem. Os nomes dos locais que frequentemente comentam os habitantes são: Vigia, Escurinho, Rincão do Perigo, Faxinal, São Jorge, Morrinhos, Casa Campos (Borel), Raposo e Cajuru. A população da Coxilha Rica é bem pequena comparada com a extensão de terra, aproximadamente 370 pessoas em 2014, ou seja, 0,33 habitantes por km² (POLÊSE, p. 28, 2014). Este dado de baixa densidade populacional da Coxilha interessa para este trabalho, já que serão expostos e analisados alguns conceitos que expressam a relação entre a pouca presença humana com consideráveis extensões territoriais.

Historicamente a região da Coxilha Rica formava parte de uma rota comercial entre o sudeste do Brasil e o sul, transitadas por seres humanos e animais, formando tropas de gado e muares, produzindo relações regionais por causa da venda do gado sulino para o Estado de São Paulo e levando café e outros insumos para o sul vindos da região paulista de Sorocaba. Para o transporte ordenado dessas tropas nas planícies e terrenos ondulados da Coxilha eram construídos corredores com muros de pedra, chamados de taipas. Estas taipas também serviram para delimitar posteriormente as propriedades que foram se constituindo na região na medida em que alguns pioneiros tomavam posse destes territórios. A história das tropas, e em particular dos tropeiros² sempre foi um diferencial para a construção das narrativas da Coxilha Rica, assim como

² Os tropeiros têm seu nome dado pelas tropas de animais que eles conduziam de um lugar para outro, principalmente com fins comerciais e de manejo.

mais tarde o foi a posse de terras e a constituição das fazendas, algumas delas com duzentos anos de antiguidade.

Segundo o documento da Fundação Catarinense de Cultura *O Caminho das tropas*, de 1986, um dos motivos do aparecimento dos tropeiros foi a necessidade de levar animais de carga e de corte para o sudeste, principalmente para Minas Gerais. A figura do tropeiro está ligada intimamente com as atividades do campo, a lida com animais e o domínio da montaria, já que todas essas atividades eram feitas a cavalo, características encontradas depois, no sujeito gaúcho do sul brasileiro. Há dados sobre a formação de tropas para transporte de gado de 1634, mas os primeiros tropeiros que empreenderam longas viagens se destacaram nos séculos XVIII e XIX, anos em que a atividade foi mais intensa. Alguns tropeiros ficaram com terras na região do planalto serrano de Santa Catarina, que se converteram nas fazendas de descanso das tropas. As rotas ou caminhos das tropas são vários, porém coincidem nos pontos extremos, de São Paulo para Rio Grande do Sul ou Laguna, em Santa Catarina. A atividade também se expandiu quando começaram as grandes fazendas de café no sudeste: assim, levavam gado do sul e voltavam de São Paulo com café ou farinha de mandioca. Nesses longos caminhos havia a necessidade de descanso, tanto para homens como para o gado, feito nos chamados “pousos”. Nos começos do *tropeirismo*, os pousos eram acampamentos improvisados feitos com barracas de lona, em lugares estrategicamente escolhidos, geralmente campos com boas pastagens para os animais, como as coxilhas, lugar que também facilitaria o controle da tropa. Com o passar do tempo, se estabeleceram algumas fazendas nos caminhos dessas tropas, possibilitando que os pousos fossem feitos nas mesmas. O município de Lages era um dos pontos de “pouso” preferidos das tropas pelas suas pastagens e pela quantidade de fazendas que permitiam o descanso (Costa, p.158-170, 1982). Ainda hoje há propriedades que conservam a disposição arquitetônica e funcional da época das tropas. Esses campos, essas fazendas e suas instalações se converteram em locais onde a vida flui, desta forma, pretendo mostrar como esses espaços são vistos e experimentados pelos seus habitantes.

CARACTERIZANDO A COXILHA RICA A PARTIR DE CONCEITOS E CATEGORIAS

Considero necessária a abordagem de alguns conceitos e categorias que nos trazem definições sobre a espacialidade, e sobre o distante em termos de extensão física

da Coxilha Rica, para depois mostrar como estas questões incidem nas relações sociais neste local. Conto para isto com a ajuda de alguns autores que se debruçaram para definir o que é o ambiente, a paisagem, o lugar e o território. Como conceitos geográficos, ou especificamente, em sentido antropológico, refiro-me aos locais físicos e como as pessoas constroem seus entornos de vida a partir da interação, da experiência, e, portanto, na constituição da subjetividade nesses locais. Essa questão de um local determinado e de como as pessoas o enxergam, e mais especificamente, como a partir da sua subjetividade, também o constituem, tem se evidenciado como uns dos principais debates da antropologia na atualidade. As diferentes posições sobre a interação entre os humanos, não-humanos e o espaço físico tem fomentado de maneira sobressalente novas concepções para se referir à Natureza, como também para entender de que maneira a Cultura ou a sociedade fazem parte da vida desses seres. É notória a tendência no pensamento de vários autores da antropologia de expor a condição de fundir ou diluir o binômio Natureza/Cultura, um tipo de contraponto construído a partir de experiências locais e conceitos específicos para cada grupo social, e de uma série de categorias nativas que cumprem um papel fundamental nessas conceituações.

O espaço físico do ponto de vista da Geografia, como campo específico de estudo que reúne o material (solo e topografia) e o social (relações entre seres), passa principalmente pelas noções de território e lugar. Santos aponta que o **espaço geográfico** seria um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações (SANTOS. 2006, p. 12). Para o autor o espaço geográfico se apresenta como um misto, um híbrido da condição social e física, configurando e misturando relações sociais e materialidades. Diferente de alguns autores da antropologia, Santos menciona que o espaço geográfico só se constitui a partir da ação humana configurando eventos que o transformam; sem a ação, esse espaço seria somente **paisagem**, como forma e conjunto de materialidades. Outra questão de importância mencionada por Santos se refere à técnica empregada pelos humanos para modificar e viver no espaço geográfico. A ideia de técnica, como um conceito bastante amplo, é tratada pelo autor somando o desenvolvimento de tecnologias ao longo da história como processo de transformação humano. Tanto as tecnologias como ferramentas para a vida, como a técnica em sentido de procedimentos serão as que promovem as transformações do espaço geográfico

segundo Santos³ (2006, p. 16-20). Outro detalhe importante mencionado por Santos, citando a Balandier (2006, p. 23) e a Simondon (2006, p. 24), é que as técnicas são sempre referidas ao espaço, ou seja, o que se desenvolve em aspectos tecnológicos sempre se refere a um determinado contexto, ou melhor, **ambiente**, entendendo desta forma como indissociável a noção de técnica e meio⁴.

Santos apresenta outros dois conceitos importantes: o de **território** e o de **lugar**. O autor aponta que o espaço geográfico seria um sinônimo de “território usado”. O território se entenderia assim como um espaço habitado, compreendido como uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e local. Desta forma, o entendimento deste conceito se daria através de horizontalidades, ou seja, lugares vizinhos reunidos formando uma continuidade territorial, e verticalidades, formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais. Essas verticalidades e horizontalidades poderiam se entender como relações entre locais. No caso da Coxilha Rica entendem-se os diferentes locais da sua área, por exemplo, Vigia, Escurinho, Rincão do Perigo, Faxinal, São Jorge, Morrinhos, Casa Campos (Borel), Raposo e Cajuru, uns como extensão dos outros em relação de horizontalidade, e a verticalidade seria a relação do conjunto territorial com os municípios e as cidades que a circundam, como Lages. Estes locais formam também uma rede, como forma relacional (SANTOS, p.16) ou de contiguidade, entre um e outro em sentido horizontal, assim como o entorno e proximidade de cidade e campo o fariam em sentido vertical. As relações entre locais próximos (horizontais) teriam como característica a ideia de produção, no sentido de bens materiais como de bens simbólicos, ou como um produto de ambos para configurar uma forma de vida local. Já as relações de rede com locais mais distantes (verticais) se apresentam atreladas ou que Santos chama de Mundo, como sinônimo de Mercado, um tipo de força reguladora que atravessa questões ideológicas, políticas, científicas e de

³ No livro de Santos são elencados alguns autores que se referem bastante objetivamente às questões técnicas como ferramentas para a vida: “uma referência particular à obra de Maximilien Sorre, o primeiro geógrafo a propor, com detalhe, a consideração do fenômeno técnico, em toda sua amplitude. A sua noção de técnica é abrangente. Para ele, “essa palavra ‘técnica’ deve ser considerada no seu sentido mais largo, e não no seu sentido estreito, limitado a aplicações mecânicas”. Para Sorre, a noção de técnica “estende-se a tudo o que pertence à indústria e à arte, em todos os domínios da atividade humana” (Sorre, 1948, p. 5, apud Santos, p. 20).

⁴ Santos (p.23) observa que: “Podemos dizer, com George Balandier, que as noções de técnica e de meio são inseparáveis, desde que demos ao termo *meio* “sua acepção mais *larga*, que ultrapassa, de muito, a noção de entorno natural” (1991, p. 6). Os objetos técnicos têm de ser estudados juntamente com o seu entorno, conforme propõe Langdon Winner (1985, p. 374). De tal modo, podemos afirmar que cada novo objeto é apropriado de um modo específico pelo espaço preexistente.

informação, um conjunto que impacta de forma direta a construção do conceito de natureza (SANTOS,p.18).

Do ponto de vista antropológico se apresentam dois conceitos fundamentais quando nos referimos às relações entre seres vivos, a sua existência e a constituição do mundo: a **paisagem**, e o **ambiente**. Cunhados pelos antropólogos Philippe Descola e Tim Ingold respectivamente, estes termos norteiam a maioria dos debates sobre essas relações. No conceito de paisagem Philippe Descola (2013) aponta que nos acedemos à ela por uma série de mediações materiais e cognitivas que nos permitem enxergá-la como tal. A paisagem, nessa perspectiva, não se materializa como um conjunto de propriedades objetivas perante um observador que a contempla. Ela é resultante de interações que conjugam um indivíduo e um lugar que faz que, para *aquela* indivíduo e não para outros que se encontrem no mesmo local, aquele sítio seja uma paisagem. A noção de paisagem, dessa forma, implica na existência de modelos perceptivos que funcionem e integrem as propriedades que emanam do objeto e os esquemas de representação culturalmente estabelecidos desse objeto (DESCOLA, 2013).

Além dessa conceptualização, Descola (2013) entende que a paisagem teria outras acepções: como representação cultural e social; ou a paisagem como território configurado e habitado por sociedades particulares; ou como, simplesmente, o substrato natural da atividade humana; e, por fim, como lugar de uma experiência sensível dos lugares, em uma abordagem fenomenológica. Nessa última acepção, a paisagem é um modo de estar presente no mundo, resultante da interação entre estímulos sensíveis característicos de um local e as expectativas configuradas pelos hábitos e pela educação dos indivíduos que, aos poucos, se percebem apropriados do lugar como prolongamento de si mesmos.

Por outro lado, a concepção de ambiente a partir do conceito de Tim Ingold se apresenta como o conjunto de seres vivos em contato com o substrato natural, configurando algo indivisível, o autor nos diz que:

“[...] é o mundo tal como ele existe e assume significado em relação a mim, e nesse sentido, surgiu e sofreu desenvolvimento comigo e em torno de mim. Em segundo lugar, o ambiente nunca está completo. Se os ambientes são forjados através das atividades dos seres vivos, então, enquanto a vida continuar, eles estão continuamente em construção. Assim também, é claro, são os próprios organismos. Desta maneira, quando falava do ‘organismo mais ambiente’ como uma totalidade indivisível, eu deveria ter dito que essa totalidade não é uma entidade limitada, mas um processo em tempo real: um processo, isto é, de crescimento ou desenvolvimento”. (2000, p. 20)

Para Arturo Escobar o conceito de **lugar** é abordado desde diferentes pontos de vista, a partir da constituição do ser e das experiências com o local, também na relação com a ideia de globalização e da economia, como um conjunto de elementos para pensar a cultura. O autor problematiza o contraponto entre a globalização e o “local” apontando o abandono do conceito de lugar como uma componente importante da subjetividade humana, ele diz que:

Eso parece ser cierto en la filosofía occidental, en la que el lugar ha sido ignorado por la mayoría de los pensadores (Casey 1993); las teorías sobre la globalización que han producido una marginalización significativa del lugar, o debates en antropología que han lanzado un radical cuestionamiento del lugar y de la creación del lugar. Sin embargo, el hecho es que el lugar -como la experiencia de una localidad específica con algún grado de enraizamiento, linderos y conexión con la vida diaria, aunque su identidad sea construida y nunca fija- continúa siendo importante en la vida de la mayoría de las personas, quizás para todas. (ESCOBAR, p. 68, 2000)

Escobar também menciona, citando Dirlik (1997), uma assimetria entre o global e o local, associando a globalização ao espaço, à história e a sua agência, e ao capital, enquanto o local é relacionado com o lugar, ao trabalho e às tradições. O que Escobar propõe seria uma superação dessa assimetria a partir da ecologia e do pós-desenvolvimento, o que facilitaria a incorporação de práticas econômicas, baseadas no local, como um processo de delimitação de ordens alternativas. Dito de outra forma seria uma reafirmação do lugar, da contraposição ao capitalismo, tendo a cultura local em oposição ao domínio do espaço, do capital e da modernidade, que são centrais para o discurso da globalização. Isto deve resultar em teorias que viabilizam as possibilidades de reconsiderar e reconstruir o mundo a partir de uma perspectiva de práticas baseadas no local.

Cabe mencionar que ligado à ideia de lugar surge também a construção do conceito de natureza, como também da sociedade, constituída a partir de distintas formas de existência, isto é, diferentes ontologias. Como Escobar aponta, estas concepções sobre a vida muitas vezes não dependem do binômio natureza/cultura, e sim de certos modelos diferentes aos que constrói a sociedade moderna ocidental. Desta maneira, para alguns grupos sociais não existe separação entre esferas como a do mundo biofísico, o humano, e o sobrenatural. Portanto, os seres vivos e não vivos, ou sobrenaturais, não são vistos como entidades que constituem domínios separados, ou considerados como esferas opostas da natureza e da cultura, admitindo-se que as relações sociais abrangem mais do que aos seres humanos. Estes modelos de

perspectiva diferenciada são, segundo Escobar, distantes daqueles construídos a partir de visões modernas e ocidentais, o autor expressa que:

Un modelo local de la naturaleza puede mostrar rasgos como los siguientes que pueden o no corresponder a los parámetros de la naturaleza moderna, o sólo hacerlo parcialmente: categorizaciones del ser humano, entidades sociales y biológicas (por ejemplo, de lo que es humano y lo que no lo es, lo que es sembrado y lo que no lo es, lo doméstico y lo salvaje, lo que es producido por los humanos y lo que es producido por los bosques, lo que es innato o lo que emerge de la acción humana, lo que pertenece a los espíritus y lo que es de los humanos, etc.); escenarios de linderos (diferenciando, por ejemplo, los humanos de los animales, el bosque del asentamiento, los hombres de las mujeres, o entre distintas partes del bosque); una clasificación sistemática de los animales, plantas y espíritus; etc. (ESCOBAR, p. 71, 2000)

Neste excerto interessa particularmente o que o autor expressa como a distinção de categorias a partir do pensamento local, um tipo de construção sobre a vida relacionada ao conjunto de coisas presentes no lugar. Seria a partir da constituição do pensamento local que podemos pensar a fusão com os conceitos da geografia e da antropologia.

Todos os conceitos citados até aqui se ajustam ao que se observa na região da Coxilha Rica. Porém estas definições não são usadas nem proferidas da mesma forma pelos habitantes do local como o fazem os autores acadêmicos. Os conceitos de espaço geográfico, de território, de paisagem, de ambiente e de lugar e são geralmente pensados para estes habitantes na ordem da divisão dos locais como foram historicamente nomeados, logo depois, a partir do estabelecimento das fazendas e dos vilarejos como divisão de propriedades privadas. A consciência de um território ocupado passa por essa divisão das propriedades, algumas de grande extensão, com uma densidade populacional baixa, o que gera as noções de vastidão, de distância com os “outros”, algo que meus interlocutores sempre manifestaram. Neste caso também há consciência de que existe uma interação humana no local, transformando-o em lugar, como expressa Santos (2006).

Sobre as questões teóricas da paisagem e do conceito de ambiente, relacionadas diretamente à integração de seres vivos no mundo, ou melhor, sobre a constituição desse mundo, é notório no discurso dos habitantes da Coxilha Rica como expressam a integração com esses espaços naturais, a partir das experiências de vida e do conhecimento, ou seja, dos saberes locais. Esta reunião de ideias, informações e saberes constituem o mundo dos habitantes da Coxilha Rica, moldam as formas de pensamento e de vida, que tem na ideia de vastidão, de distância ou distante, como forma de espacialidade,

importantes pilares da vida nesses locais. Tenho ouvido em algumas conversas com os habitantes e frequentadores da Coxilha sobre a **cultura serrana**, como identificador, ou como algo que aglutina todos os conceitos que fazem parte da vida no local. De todas as formas, a palavra cultura não é frequente nos discursos locais, nem é minha intenção discutir neste texto sobre este conceito em particular.

Já o conceito de lugar, como expressa Escobar, seria importante pelo ajuste com a forma de construção do pensamento local, das experiências, e de uma ideia de pertencimento e arraigo que faz que os sujeitos se constituam em aquele contexto particular ou ambiente. Outra questão de análise importante mencionada por Escobar seria a de assimetria destes locais com o mundo urbano moderno, no sentido de contraposição das formas de vida entre estes dois contextos. No caso da Coxilha e região é certo que o fluxo de vida se dá em forma diferente aos conglomerados urbanos, mas também encontramos que há uma inter-relação em termos de produção primária de alimentos para as sociedades urbanas, como uma forma de resposta ao global, uma reação de micro economias que interagem e tentam uma integração a partir dessas produções locais.

Para finalizar esta seção creio que é importante mencionar que a maioria destes conceitos antropológicos tende a discutir a fusão do binômio natureza/cultura. Como expressa Escobar sobre os modelos locais⁵, existiria esta tendência já que há categorizações que diferem substancialmente das classificações modernas ocidentais, ou aquelas nos moldes da urbanidade. Do mesmo modo acontece com a ideia da constituição da paisagem, ou do ambiente na questão da diluição do citado binômio. Certo é que no discurso dos habitantes da Coxilha a consciência da natureza como um grande domínio da vida (social) passa por questões de percepção sobre o clima, sobre o comportamento de outros seres vivos, vegetais e animais, e pelo conhecimento da topografia, o que delineia um entremeado de relações que analisarei na sequência.

UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES E CONCEITOS DOS SUJEITOS DA COXILHA RICA

Partindo dos conceitos geográficos e da antropologia farei nesta seção uma tentativa de inteligibilidade me referindo as experiências locais. Há, em princípio, um conceito notoriamente diferente de espacialidade para os habitantes da Coxilha. A partir

⁵ A autora Marilyn Strathern também o faz no seu artigo “No nature, no Culture: the Hagen Case”, onde discute categorias nativas que se afastam completamente das categorias modernas ocidentais.

da ideia da imensidão da paisagem, a perspectiva de distâncias, os espaços de socialização e de trabalho também diferem diametralmente daqueles considerados urbanos.

Nas minhas vivências na Coxilha Rica tenho experimentado as noções de distância ou de “distante”, conferindo o que meus interlocutores dizem. Sempre que transitamos os caminhos que unem as localidades acima mencionadas a sensação é de que todos os locais ficam “longe” um do outro. Talvez seja porque os caminhos de terra batida e pedra, ou cascalho, não permitem que os veículos transitem velozmente, por isso o tempo parece se estender para chegar a qualquer ponto da Coxilha. Passar de uma localidade para outra demanda tempo, às vezes um par de horas dependendo o trajeto, ou seja, atravessar várias regiões para chegar a outras, por exemplo, ir do São Jorge para o Cajurú. A noção de longe ou distante passa a ser uma categoria nativa de espacialidade, expressada por quem habita ou frequenta a Coxilha, para ir trabalhar ou visitar as fazendas por outros motivos. Esse conceito também se relaciona com as estradas principais ou caminhos internos, quase todos eles conduzem às fazendas como divisão territorial, ou aos pequenos vilarejos ou vilas que apresentam conglomerados de moradias. Existem também os caminhos chamados de “internos” que comunicam umas fazendas com outras, isto é, não estão catalogados como estradas principais entre localidades, sendo às vezes mais precários para transita-los. Portanto, essa ideia de distante ou de tudo parecer longe se associa ao ambiente de maneira geral, e a como é possível transitar esse ambiente, usando carros ou a cavalo, como meios de locomoção.

A divisão territorial conta também dentro da noção de espacialidade expressada pelos habitantes da Coxilha. Como foi mencionada, a extensão territorial se divide em fazendas de diferentes dimensões e pequenas vilas com propriedades circundantes. Neste caso a expressão comum dos habitantes é falar de muita ou pouca **terra**, em sentido de se referir às extensões das fazendas. Esta noção se referiria ao conceito de terra ocupada, ou delimitada, no sentido de propriedade privada. Nestes anos de pesquisa tenho visitado e convivido com pessoas que trabalham em fazendas de diferentes dimensões, e tanto os proprietários quanto os trabalhadores expressam de forma bastante clara a ideia de propriedade (privada) como também as noções das dimensões de cada fazenda. Conjugam-se, então, em cada propriedade a imensidade dos campos com alguns conglomerados de instalações e estruturas onde os sujeitos moram e realizam tarefas, basicamente com os animais ou, às vezes, com o produto da agricultura.

Outra questão importante são os espaços internos de cada propriedade, isto é, a moradia ou casa principal, os galpões, a mangueira para trabalho com os animais e outras dependências. Moradias, galpões e dependências rurais constituem limites mais reduzidos e restritos, mas não menos diferenciados de outros contextos. Nessas instalações, os sujeitos concentram parte das tarefas, como em galpões e mangueiras, e seu descanso e lazer, nas moradias. O conjunto dessas construções reúne condições de trabalho, mas de proteção às intempéries do clima e das exigências do ambiente, principalmente quando se volta de tarefas em campo aberto. As estruturas são casas para morar e, em espaços próximos, galpões para guardar os objetos de trabalho, fornecer abrigo para alguns animais como cavalos e cães, estocar alimentos para o gado, guardar a colheita e, em muitas situações, usado como locais de socialização. Um lugar importante dentro de cada fazenda são os currais ou mangueiras, quase sempre contíguos aos galpões. As mangueiras são espaços construídos com cercados de pau a pique ou por taipas, feitos para trabalhar com os animais em tarefas específicas, como domesticação, castração e outros cuidados. Assim, todas as estruturas sempre estão preparadas para as atividades principais dessa vida, sempre em torno do trato das espécies animais e o resultado da colheita nas lavouras.

Esses espaços físicos, o campo e as instalações das fazendas, são afinal o cenário das relações entre seres humanos, e relações interespecies, onde a principal é entre humanos e equinos, logo depois com os cães, e com os animais considerados como rebanhos da atividade pecuária, isto é, os bovinos e os ovinos. Os equinos e os cães são considerados pelos habitantes da campanha como parceiros de trabalho, companheiros nas atividades que a pecuária exige. Os cavalos são usados pelos humanos para vencer as distâncias e para estabelecer o contato em campo aberto com os bovinos, logo depois, os cachorros ajudam para manter os rebanhos ordenados e conter as escapadas de alguns animais. Todas estas atividades, os movimentos no terreno de estas espécies, e os procedimentos de trabalho são comandados pelos humanos, mas as relações entre estes animais e os sujeitos variam de acordo ao comportamento de cada espécie e de determinados indivíduos, tanto nos rebanhos, como dos “parceiros”, isto é, cavalos e cães. Neste caso, os animais parceiros de trabalho são categorizados pelos humanos como animais que se comportam adequadamente, ou não, às exigências das atividades da campanha. A domesticação⁶ de cavalos e cachorros são processos progressivos, às

⁶ Neste caso uso o termo domesticação para resumir de alguma forma o estado de interação entre humanos e outras espécies, como os equinos, os canídeos, bovinos e ovinos, como os mais frequentes

vezes demorados, para conseguir os resultados que o ser humano espera na interação com ele e com as outras espécies. Ter bons cavalos e cães, domesticados e treinados para as diversas atividades com o gado é essencial para os habitantes da campanha, sem eles a cria do gado em campo aberto nos terrenos da Coxilha seria quase impossível. Este assunto é referido permanentemente pelos meus interlocutores, em particular, pela procura de diferentes exemplares treinados para os trabalhos no difícil terreno da Coxilha Rica.

Mas a interação e a relação que sempre me chamou mais a atenção foi com os rebanhos, principalmente com os bovinos. A cria destes animais como recurso econômico é a principal atividade nestes locais. Há diferentes formas de criação⁷, tendo fazendas que usam métodos de inseminação artificial para aumentar a produção dos rebanhos, como outras que usam o método tradicional, ou seja, o acasalamento no campo dos animais, usando um espécimen macho para acasalar com várias fêmeas. Em ambas as variantes, devem ser monitoradas as vacas que ficaram prenhas, para controlar depois a gravidez e posterior parição dos filhotes. Estes procedimentos de produção podem entrar na chamada categoria de pecuária extensiva, ou seja, que cumpre o ciclo inteiro do animal (acasalamento, gravidez, parição, criação e engorda), ou às vezes podem acontecer somente regimes de engorda no campo, onde se compra o animal em estado precoce e somente é monitorada a engorda para depois vender para consumo quando atinge os índices de peso e medidas. Estes ciclos de cria estão presentes na Coxilha Rica, e dependem das decisões dos proprietários das fazendas. A partir disto, o gado estará no terreno passando um lapso de tempo controlado pelos produtores.

Neste caso os animais pastarão em grandes extensões de terra por meses, o que em certa forma vai moldar o comportamento dos espécimenes. O que chama a atenção é que resultará importante o contato com os humanos durante esse tempo, o que faz esses

dentro dos campos da Coxilha Rica. A questão da domesticação de espécies animais é abordada de maneira extensa por uma série de autores de várias áreas. No que se refere à antropologia, a linha de investigação chamada de Multiespécies é a que se debruça com maior consistência sobre o tema. Autores como Tim Ingold, Nigel Clark, Richard Ivesson, Danna Haraway, Tora Holmberg, Anna L. Tsing, dentre outros, destacam seus trabalhos sobre o tema. Mas devemos destacar que em trabalhos feitos por Zender (2012) ou Stépanoff e Vigne (2018) colocam-se em evidência, a partir de discussões que ampliam as definições, estes processos de interação com relação aos procedimentos, aos diferentes estados e comportamento das espécies, e nos termos do impacto nos ambientes e nas sociedades onde se efetuam.

⁷ Descrevo estes procedimentos de produção pecuária com detalhes na minha tese de doutorado “Ser Ou não ser Gaúcho, a perspectiva do sujeito campeiro contemporâneo no Pampa latino americano”, de 2018, no programa de pós-graduação em antropologia social da Universidade Federal de Santa Catarina.

animais diferir em níveis de domesticação (ZEDER, 1012)⁸. Nas minhas experiências em algumas fazendas observava que os animais reconhecem as pessoas de maneira chamativa, e que na presença de desconhecidos, como eu, se tornavam esquivos, escapavam ou se assustavam de forma notória e diferente de outros locais. Esta situação se repetiu várias vezes, pelo que acabei entendendo que também se referia ao assunto da vastidão dos campos, às grandes extensões territoriais, e a pouca presença humana em diversos locais da Coxilha. Isto fazia que os animais se encontrassem num estado de domesticação⁹ menos avançado por ter pouco contato humano, e que o “diferente” se tornasse uma ameaça para eles.

O comportamento destes rebanhos, no sentido do seu estado de domesticação¹⁰ e de interação com humanos, tanto grupal como de alguns indivíduos, é um dos principais motivos reguladores das relações entre humanos na Coxilha Rica, trazendo à tona a questão de cooperação e amizade como a principal relação intersubjetiva entre os habitantes dessa região. De acordo ao comentado anteriormente, os animais passam bastante tempo no campo sem contato humano, isto é, relacionado à baixa densidade populacional da Coxilha, fator que influi no comportamento arredio dos rebanhos, sendo que na hora de fazer o manejo é necessário contar com mais pessoas das que

⁸ Zeder dá uma definição muito interessante sobre domesticação: “a sustained, multigenerational, mutualistic relationship in which humans assume some significant level of control over the reproduction and care of a plant/animal in order to secure a more predictable supply of a resource of interest and by which the plant/animal is able to increase its reproductive success over individuals not participating in this relationship, thereby enhancing the fitness of both humans and target domesticates (2012, p.163). Tradução: “Um relacionamento mútuo sustentado, multigeracional em que os humanos assumem algum nível significativo de controle sobre a reprodução e o cuidado de uma planta / animal, a fim de garantir um suprimento mais previsível de um recurso de interesse, e pelo qual a planta / animal é capaz de aumentar seu sucesso reprodutivo em relação aos indivíduos que não participam desse relacionamento, melhorando assim a aptidão de ambos, os seres humanos e os domesticados”.

⁹ O que chamo nesta parte do texto como estado de domesticação desses rebanhos estaria de acordo com o que expressam Stépanoff e Vigne, no seguinte conceito: ““Domestication” refers to a becoming, a process set in time which causes living beings to go through different states, between the outside and the domus, between far and near, between predation and familiarity. Domestication does not simply cross these boundaries; it blurs them and questions categories, whilst at the same time adding its own apparent order by describing a succession of changes as oriented stages. Talking about domestication means giving narrative shape to the events’ diversity and taking the risk of finalism by bringing ex post meaning to that which had none at the beginning. (2018, pg. 3). Tradução: “Domesticação” refere-se a um devir, um processo estabelecido no tempo que causa em seres vivos a passagem por diferentes estados, entre o externo (o estado selvagem) e o *domus* (um estado doméstico), entre longe e perto, entre predação e familiaridade. A domesticação não apenas cruzar essas fronteiras; é mesclar e questionar categorias, enquanto ao mesmo tempo, adicionar uma ordem própria e aparente para descrever uma sucessão de mudanças como estágios orientados. Falar sobre domesticação significa dar uma forma narrativa a uma diversidade de eventos, correndo o risco finalmente, de trazer um significado para aquilo que não tinha nenhum no seu começo.

¹⁰ Refiro-me especificamente a uma fase de comportamento em que ainda esses animais rejeitam a presença humana, ou pelo menos, daqueles que não reconhecem. As pessoas que tratam esses animais com ração ou sal são aceitos de maneira mais tranquila, esperando o alimento ou o sal sem inquietação, admitindo a sua presença.

habitualmente moram nas fazendas. Por este motivo quando tem que realizar as tarefas com os animais, como aplicar vacinas, colocar identificação em cada exemplar, ou em outras situações, são chamados vizinhos e amigos para poder realiza-las. Sem a cooperação de “outros”, as tarefas seriam muito complicadas ou não poderia ser feitas.

FINALMENTE, DISTANCIA E VASTIDÃO COMO REGULADORES DE COMPORTAMENTOS E SOCIABILIDADE ENTRE HUMANOS E OUTRAS ESPÉCIES

Desta forma, temos algumas questões que se conectam e agem entre si no ambiente da Coxilha Rica: a grande extensão territorial das fazendas, a baixa densidade populacional da região e a atividade pecuária como principal mediação com o ambiente, e em sentido de subsistência. Estes fatores se articulam fomentando amizades e parcerias no trabalho e manejo destes rebanhos. O que quero destacar é a relação entre estas características regionais como reguladoras de uma forma de existência, aquela que lhe é própria aos sujeitos que habitam a Coxilha.

Na experiência antropológica que realizei na região observei que distância, distante, longe, e vastidão são conceitos que pertencem aos habitantes, e que invadem a quem entra nesse mundo da Coxilha, como no meu caso. Estes conceitos se evidenciam como reguladores do comportamento e das relações entre os humanos, como também com seres de outras espécies animais. Quem mora e habita continuamente nesses lugares entende que ambiente, paisagem, lugar ou território tem as características acima mencionadas, conceitos conjugados no discurso local através da palavra **terra**. Numa visão mais ampla, o conjunto de seres e a topografia, esse mundo da Coxilha Rica, se articulam na relação humano-não humano (animais e vegetais), sob a influência do clima da região, e regulada pelo comportamento de algumas espécies (principalmente, os bovinos), marcado pelo restrito contato com o “diferente”, neste caso, com os humanos. A amizade, a cooperação, como também a transmissão de saberes são função do contato e manejo desses rebanhos para a atividade pecuária nesse local. Pela experiência aqui relatada, poderia finalmente afirmar que o nível de domesticação dos animais e dos rebanhos são o principal regulador das relações intersubjetivas.

BIBLIOGRAFIA

COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens, sua historia e influências no sertão de terra firme**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

CLARK, Nigel **Animal interface: the generosity of domestication**. In: Cassidy, Rebecca and Mullin, Molly eds. *Where the wild things are now: domestication reconsidered*. Wenner-Gren International Symposium Series. Oxford, UK: Berg Publishers, pp. 49–70. 2007.

DESCOLA, Philippe. **A antropologia da natureza: entrevista**. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 1-23, jul./dez. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X014027013>

_____. **Beyond Nature and Culture**. *Proceedings of the British Academy*, v. 139, p. 137-155, 2006.

_____. **Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia**. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.

DESCOLA, Philippe; PÁLSSON, Gísli. **Nature and Society: Anthropological perspectives**. London: Routledge, 1996.

ESCOBAR, Arturo. **El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: ¿globalización o postdesarrollo?** In: *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. CLACSO, Buenos Aires. 2000. http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100708045100/7_escobar.pdf

_____. **El final del salvaje. Naturaleza, Cultura y Política en la antropología contemporánea**. Giro Editores. Santafé de Bogotá. 1999.

FERRARO, Eduardo H. **Ser ou não ser gaúcho? A perspectiva do sujeito campeiro contemporâneo no pampa latino-americano**. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina. PPGAS. Florianópolis, 2018.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Caminho das tropas**. Florianópolis, Ed. FCC, 1986.

INGOLD, Tim. **Companion Encyclopedia of Anthropology**. New York: Routledge, 1994.

_____. **The perception of the environment**. *Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

_____. **Hunters, pastoralists and ranchers**. *Reindeer economies and their transformations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. Anthropology is not Ethnography. *British Academy Review*, Issue 11. 2008.

INGOLD, Tim; PÁLSSON, Gísli. **Biosocial becomings: integrating social and biologic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

POLÊSE, Cosme. **Coxilha Rica: subsídios a uma proposta de conservação para o sul do município de Lages-SC**. Dissertação de mestrado, UDESC, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

STÉPANOFF, Charles & VIGNE, Jean-Denis (Ed.). Introduction In: **Hybrid Communities**, Biosocial Approaches to Domestication and Other Trans-species Relationships. Routledge, London, New York. 2018.

ZEDER Melinda A. **The domestication of animals**. *Journal of Anthropological Research*, vol. 68, 2012.